

VIAGEM PARA A VILA DE SÃO JOAQUIM

Contar sobre uma viagem inesquecível? Fácil, vou contar a que o Jovelino fez, terminou antes dele chegar ao destino e mesmo assim se tornou inesquecível. Ele, nascido e criado na beira do córrego Lajeado, cresceu à sombra dos ingazeiros que lhes forneciam uma massa branca, adocicada, de pouca substância e da mesma maneira que os araticuns e jatobás tinha a vantagem de não requerer qualquer preparo, era tirar do galho e comer. As cagaitas também eram apreciadas, porém eram frutas de curta duração, mal e mal cresciam antes das primeiras chuvas e já eram acabadas em outubro/novembro quando chegava o turno dos pequis que se prolongava até fins de fevereiro, início de março. Jovelino aprendeu também a reconhecer outros comeres da terra agreste e sadia e se fartava com o araçá, mama-cadela, grão de galo, caju do cerrado, marmelada de cachorro, bacupari, jenipapo, e outras preciosidades mais. Ali tinha de tudo, só não tinha mulher casadura e Jovelino mal se viu adulto queria arrumar uma companheira. Seu pai, percebendo o dessorsego do filho, o aconselhou a viajar até a Vila de São Joaquim, era mês de junho e quem sabe por lá haveria quadrilhas, quermesse, moças bonitas em vestido de chita, talvez alguma delas interessada em namorar e casar. Em 20 de junho arriou a Porcelana, mula preta, marchadeira, que pisava o chão como se pisasse nuvens, tamanha delicadeza era o seu pisar. No alforje levou paçoca de carne pilada, um coité de água doce, duas mudas de roupa. Na cabeça da sela um facão mateiro e na cintura um Colt cavalinho, calibre 32. Não que ele fosse homem brigador, de confusão. Não, Jovelino era calmo e tranquilo, mas sendo viagem mais demorada, passando por lugares ainda não conhecidos, era mais seguro levar uma arma, quando nada para impor respeito junto a um e outro estranho mais abusado. No fim daquele dia, já se preocupava em encontrar um lugar para arranchar quando viu um casebre de taipa, com fumaça na chaminé. Onde tem fumaça tem fogo, onde tem fogo tem vivente, pensou ele e picou a Porcelana na direção do rancho. Já perto escutou uma mulher cantando música que dizia de saudades de tempos passados, de amores, de sonhos sonhados e não realizados. Ele se encantou com o canto que pensou ser entoado por mulher já passada dos 20 e tantos anos. Ao chegar na cerca que rodeava o casebre foi anunciado pelo latido estridente de dois vira-latas. Melhor, pensou ele, assim sou logo recebido e fico sabendo se posso pernoitar aqui. Os vira-

latas foram sucedidos pela aparição de homem de seus quarenta e tantos anos, magro, de pele encardida, bigode amarelado, camisa de pano gasto pelo uso saindo da cintura, a calça presa por um barbante grosso. O *“boa tarde”* dado pelo homem magro foi seguido de um *“vamos apear”* que Jovelino com grado aquiesceu. Cumprimentos trocados iniciaram prosa de pergunta, responde e torna a perguntar. O homem magro, indagativo, querendo saber do forasteiro. Jovelino também sondava terreno, responsivo, medindo suas possibilidades de pernoitar naquele casebre, curioso por saber da mulher da voz bonita. De repente veio o convite *“pai, entra com o moço que o café está quentinho”* disse a mulher lá de dentro. Entraram e o homem velho que se chamava Percival comandou, *“tome assento seu moço que Camila já vem com o café”*. Jovelino puxou um tamborete para debaixo de si e ficou aguardando o café que chegou pelas mãos de Camila. Era moça, pouco mais que menina, quem sabe lá pelos dezessete, dezoito anos, forte, de uma cor morena puxada para o tom de mel de abelha arapuá, dentes, ao contrário dos de seu pai, brancos e bonitos. Pôs o bule na mesa, cumprimentou e voltou para a cozinha deixando Jovelino com o coração a bater num compasso até então nunca acontecido. Dia seguinte Jovelino partiu cedo em direção a Vila de São Joaquim e a Porcelana ainda não tinha secado o primeiro suor quando ele interrompeu a viagem e voltou para onde havia passado a noite. Chegando ao rancho, mal cumprimentou a Camila e logo perguntou pelo Percival. *“Pai está no roçado, do outro lado do córrego”*, ela informou. Já no roçado Jovelino chegou alegre, cumprimenteiro, com cara de negócio, buscando fazer boa figura. Cumprimentos trocados, Percival acendeu um palheiro de fumo amarelo lá de Porto Faria e já ia retomar o serviço quando Jovelino, resfolegante, disse *“Seu Percival eu preciso ter um particular com o senhor”*. *“Pois então fale seu moço, estamos cá só nós dois. Pode dizer que eu escuto”*. *“É da Camila seu Percival”*. *“Da Camila? O que é que tem a Camila? Ela aprontou alguma desfeita com o senhor?”* *“Não, seu Percival, fez desfeita não! É que se o senhor consentir e ela aceitar eu quero namorar com ela, namorar não, eu quero mesmo é casar”*. Percival ficou mudo, uma lágrima inconveniente querendo escorrer rosto abaixo e depois disse *“Vamo lá fala com ela”*. Ano e meio depois nasceu José Maria, em seguida Geraldo e depois Maria Rita que tornaram aquela viagem inesquecível para o Jovelino, Camila, Percival e também para mim que pude relatar este caso.